

UMA APOLOGIA DE ROBERTO BENJAMIN

Jerusa Pires Ferreira *

RESUMO: Este texto, que é, em princípio, um elogio à contribuição do pesquisador pernambucano e amigo Roberto Benjamin, estende-se, fazendo de um roteiro de ações do oral/ impresso, das oralidades e seus veículos e agentes de edição, uma plataforma para pensar: inventários de temas e pesquisas, conceitos de texto e tradição e finalmente o grande jogo da memória recriada, a partir da própria memória de apreciadores e ouvintes. Rito e tradição, e todo um elenco de personagens encontrados e valorizados, convidam ao legado e às propostas do pesquisador, que se reúnem às nossas.

Palavras-chave: Tradição. Recepção. Memória. Poesia oral. Texto de cultura.

RESUMÉ: Ce texte, d'abord un éloge à la contribution du chercheur du Pernambouc et très cher ami Roberto Benjamin, se déroule comme un chemin des actions concrètes de l'oral/imprimé, les oralités traditionnelles et les agents d'imprimerie et de la performance. Une base à penser les inventaires des thèmes de recherche, des conceptions referentes aux textes, à la tradition et finalement à la mémoire, lorsque on discute l'importance des apologistes, soit quelques uns qui gardent la mémoire des presentations et qui l'enregistrent par coeur. Des rites et des traditions, et tout un réseau de personnages rencontrés et mis en evidence, invitent à l'héritage du chercheur et aux voies qu'on suit, en les rapprochant des nôtres.

Mots clés: Tradition. Réception. Mémoire. Poesie orale. Texte de culture.

O querido amigo partiu, sem que pudéssemos cumprir tantos projetos feitos. Roberto era folclorista, no sentido mais amplo do termo, um conhecedor da tradição popular. Mas era, ao mesmo tempo, escritor e um teórico da comunicação, pioneiro e inovador. Nos conhecemos num Simpósio da Universidade Metodista, pelos idos de 1980, e, a partir daí, foi nascendo uma amizade com muitas significações e despertando uma admiração permanente. apesar de algumas divergências, tínhamos muitos pontos em comum.

Possuindo uma intuição muito forte, ele podia detectar temas, a partir dos quais giravam tantas de nossas conversas e discussões.

Tivemos, sempre ao abrigo de nossas casas no Recife, em São Paulo ou na Bahia, conversas intermináveis e cheias de promessas. Alguns projetos nos animavam, inclusive aquele de levantar, seguir e formular princípios da edição do Cordel, incluindo tipografias e tipógrafos, personagens e

* Jerusa Pires Ferreira é ensaísta e pesquisadora, atuando hoje no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC São Paulo. Graduada em Letras e Mestre em História Social pela UFBA, é Doutora em Sociologia e Livre Docente em Ciências da Comunicação pela USP, onde atuou como docente em Comunicação Social. Em Pós-Doutorado na Alemanha, desenvolveu pesquisa sobre o tema do Fausto. Entre suas obras mais conhecidas estão *Armadilhas da Memória*, *Cavalaria em Cordel*, *O livro de São Cipriano* e *Matrizes Impressas do Oral*. E-mail: jpferr@uol.com.br

ações desse universo tão especial. Folhetos, previsões, almanaques. Foi então que pude me aproximar de um editor como João José e de sua tipografia.

Os Almanques ocuparam um grande espaço no universo de Roberto, e aí tanto os pernambucanos como os de outras origens levaram o pesquisador a passear por autores, editores, ilustradores, e suas formas específicas de dizer e anunciar.

Foi assim também que pude conhecer alguns criadores que, em sua grande força, levaram ao mundo da edição popular a sua marca. Dila, o incomparável xilógrafo, poeta. espécie de carimbo de uma singularidade cultural enquanto universalidade.

Organizando com os colegas Jean Yves Mollier e Hans Jurg Lusebrink em Saint Quentin en Yvelines, França, um memorável Encontro Internacional sobre o Almanaque, e replicando-o em Campinas, pude contar nos dois eventos com a colaboração de Roberto Benjamin, para o entendimento do extraordinário fenômeno que foi a edição do Almanaque no sertão nordestino, repercussão do mundo ibérico com feições próprias.

Também, a partir de sua experiência com os alunos da Universidade Rural de Pernambuco, ele nos propõe acompanhar em que medida a mudança de público é capaz de interferir no processo de emissão da poesia oral, do improvisado e da própria linguagem da poesia popular.

Uma outra sugestão sua foi a de ligar a poesia oral proferida, cantada, contada, aos “apologistas”, àqueles admiradores que a cultivam em suas modalidades poéticas e a partir da memória dos eventos. Este é um tópico que constitui para mim um desafio, ao considerar os jogos da memória, e que ainda espero poder desenvolver a contento. Não se retém apenas a cantoria ou o desafio, eventualmente ligados a um ou outro episódio, mas chegamos a eles e ao seu entendimento, a partir da memória daqueles que os apreciavam. Para os estudos do tópico Cultura e Memória, esta parece ser uma contribuição extraordinária, porque aponta para uma espécie de lembrança que, uma vez evocada e recriada, consagra e faz permanecer aquela experiência. O apologista é o admirador, que retém. Na linguagem de Elomar, faz-se uma “puloxia”, louvação dos méritos de alguém. Pela memória do admirador recuperam-se detalhes e o todo, a aura trazida por atos de performance que colocam a poesia popular em seu modo de ser: produção e recepção mais que conjugadas, uma fazendo parte da outra.

Os estudos da Comunicação e das Tecnologias contemporâneas deveriam contemplar a memória recriada, textos frases, tiradas de improvisado, e mais ainda a dos aplausos, vaias, apupos, além da admiração extrema de alguns pela modalidade, texto, gênero ou autor.

Uma importante e não descartável forma de fazer-se história, a da memória, em processo de convite à recriação permanente.

O mundo pelo avesso e o avesso do mundo pelo avesso

No Congresso Ordem e Caos, realizado na PUC-SP, tive Roberto Benjamim como meu convidado, para discutir a ordem da desordem do mundo pelo avesso. Ao reunir sua experiência sobre o Carnaval, uma nova ordem assumida, ao contrário da ingênua concepção de espontaneidade, pudemos trazer as teorias de Ernest Robert Curtius, em *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, ao tratar do “Mundo ao Revés”, que nos levaria, por exemplo, ao samba do crioulo doido, de Sérgio Porto, como ao *Livro dos Adynata*, de Myriam Fraga, ou à canção de Chico Buarque, “Falando Sério”, e daí por diante. Para completar, trouxemos a gravação da “Canção da Flor Anversa”, do trovador provençal Rambaud d’Aurenga, na voz de Augusto de Campos, seu poeta/ tradutor/intérprete.

Isso constituiu, a meu ver, uma notável experiência.

Vieram de Roberto tantas contribuições no domínio das religiões populares, nos conhecimentos que aproximam mundo religioso, magia e Carnaval, que seria impossível mencioná-las exaustivamente e sem falhas. Viajamos muito pelo Estado de Pernambuco, (aliás, é de todo o Pernambuco que se trata) em sua camionete Mitsubishi. apreciando, constatando, descobrindo novas coisas.

Ele que daria ao Maracatu Rural a evidência devida, propiciando novas possibilidades de estudo, desde a riqueza das vestes e adereços, gestos, estaturas, aos mistérios de proveniências.

Fui também assim introduzida em Recife, ao terreiro do Pai de Santo Luiz de França. E ao subsolo da preparação do Carnaval e do Maracatu. Falo da emoção de estar ali no Leão Coroado, cujas referências buscamos também no medievo francês e em Chrestien de Troyes. Pude participar, com seriedade e respeito, dos ritos que antecederiam a saída dos maracatus e entender os jogos das relações com o Poder instituído. Mas ele nos levaria a muito mais: ao Encontro dos Maracatus Rurais, aos Caboclos de Lança, a personagens e pesquisadores em diálogo, como Maria Alice Amorim, grande pesquisadora e escritora, e nós ambas a uma notável figura popular, em seus ritos, o Velho Consolo, em travestimentos e práticas diabólicas.

Estamos ainda desenvolvendo um trabalho sobre o estranho personagem. que seguimos naquele Carnaval, em operações obscenas, pactuantes e diabólicas.

Pude ainda entender outros carnavais. Andamos pelas igrejas como a de Igarçu, onde pude presenciar uma dança de Dervixes. Os rodopios em branco ativaram a memória de universos distantes, e incisivamente presentes.

O conto popular e suas extensões visuais e narrativas

Pude visitar os seus arquivos organizados e cuidados com tanto esmero por José Fernando, escritório que abrigava o acervo. E pude aprender passagens secretas que ligam o pesquisador a um campo infinito e pouco explorado. Em sua casa, na rua da Aurora, eu sempre evocando Manuel Bandeira, pude passar horas contemplando a paisagem, acompanhando as andanças de seu papagaio, sob a vigilância de Dona Laudelina ou de Francisca, nossa nutriz, mesmo correndo o risco de alterar o metabolismo.

Roberto abria então pequenos envelopes de plástico, e ia me passando maravilhas daquela narrativa arqueológica, presente em histórias de príncipes e de princesas. Com a colaboração do nosso incomparável tutor Bráulio do Nascimento, rastreamos coisas, mitos, da Rússia às Américas, passando por todas as Áfricas, ou por algumas Áfricas, também filmados ou narrados por Roberto.

É fato que um mundo de aprendizagem se abria e era oferecido sem reservas. Naquele enorme escritório doméstico, que nós baianos chamamos gabinete, em meio a muita desarrumação, tantos achados importantes: ciclos de folhetos, gravuras, informações, documentos sobre poesia popular. E ainda, a cada momento, podíamos encontrar esculturas, santos populares, como a Santa de Jota Barros, que ele encomendara e que fazia parte do ambiente juntamente com as lapinhas e figuras do Bumba meu Boi. Também os Ursos, pinturas, esculturas em papel machê, estandartes.

Registrando presenças e mediações, Roberto seguia, incansável em seu labor. Por isso, aproveito esta oportunidade para dizer o quanto ele significa: irmão vigilante, cuidando de mim nas areias de Aracaju, ou zelando para que eu não exagerasse nos passos acrobáticos, que me fizeram uma vez voltar a Salvador em cadeira de rodas.

Pesquisador solícito, escritor e transcritor, transmitindo tantos tesouros de culturas presentes e imemoriais, ao mesmo tempo. Na casa onde vivo em SP uma bela lapinha policroma de madeira que veio do Recife, e de sua casa, parece nos dizer da viva e próxima presença do amigo, que também nos ensinou a ler as entrelinhas dos folguedos e de nossa tradição. Jamais deixou de partilhar o seu conhecimento, provando-nos que esta paixão pelos saberes tradicionais nos oferece um arrimo para enfrentar a brevidade da vida e a transição dos novos tempos, aturdidores e

profusos. Ele consegue também fazer entender que esse composto das culturas populares tem a grande possibilidade de formar aquilo que o semioticista russo Iuri Lotman chama “texto de cultura”.

Todo um conjunto de objetos, atores, escultores, dançarinos recitadores, pode carregar num folguedo/rito de ressurreição tão antigo quanto a voz do mundo, na Índia como em Pernambuco, ou em outros Brasis, a forte presença do que chamamos Bumba meu Boi, tão valorizado pelo pesquisador. Assim, num simpósio que realizamos na USP em 1985, sobre o Obsceno, e que foi editado como *Jornadas Impertinentes*, temos um cuidadoso trabalho seu, “Nas entrelinhas de um Folguedo”, espécie de chave mestra, para ingressar nessa espécie de encenação popular que remonta aos componentes e durações de suas origens míticas, cósmicas e ritualísticas.

E o desafio prossegue, da vivência imediata, do trabalho de campo, o que nos conduz à experiência que reúne situações e fatos, teorizações comparativas, encontros inesperados que ampliam perspectivas de entendimento do presente.

São Paulo/Bahia 2018.

[Recebido: 20 nov. 2017 – Aceito: 21 nov. 2017]